

A pedagogia do erro



Foto: arquivo pessoal

Júlio Furtado*

A visão perfeccionista, construída a partir do paradigma cartesiano, nos fez acreditar que onde existe erro não existe acerto. E vice-versa. As Ciências, “contaminadas” por esse paradigma, transformaram-se nas maiores reprodutoras do preconceito contra o erro, e a escola, instituição responsável pela formalização do processo de ensino-aprendizagem dessas mesmas Ciências, mostrou-se conivente com as crenças e os valores que excluem o erro do contexto da aprendizagem.

Vive-se de forma coerente com a crença de que o erro é algo que se esconde, que se disfarça, que não se deve cometer. E o que mais chama atenção é o fato de essa concepção estar fortemente internalizada pelos professores. Esse fato remete imediatamente a algumas perguntas: como esses professores encaram o erro de seus alunos? Como se sentem diante de um aluno que erra? Como compreendem a função do erro no processo de aprendizagem? É sobre esses questionamentos que se pretende refletir a partir desse ponto, pois é incontestável que erros e acertos precisam conviver nas situações concretas de ensino-aprendizagem.



Foto: Shutterstock

Muito tem sido discutido sobre o sentido do erro no processo de aprendizagem. Algumas correntes pedagógicas consideram-no como o “não certo”. Outras acreditam que o erro faz parte do processo de ensino-aprendizagem sendo caracterizado como uma etapa da aprendizagem sistemática.

Na escola, o erro é personagem principal – vilão, é claro! – da “novela” da avaliação. Ele é fruto da análise que o professor faz das respostas dos alunos, o que revela o quanto ainda se cultua a pedagogia da resposta, que por sua vez expressa o quanto ainda estamos, como bem definiu Paulo Freire, na era da educação bancária.

Paulo Freire propôs, como antídoto à pedagogia da resposta, que o ensino se orientasse na direção de uma educação libertadora, que mudasse o foco cartesiano da resposta certa para o foco libertador de um ensino que estimulasse a pergunta e que desenvolvesse a curiosidade de aprender. O educador sugeriu que o professor mudasse sua atitude frente ao erro e passasse a considerá-lo uma “forma provisória de saber”. Essa mudança de atitude pressupõe encará-lo como objeto de discussão e compreensão dos saberes que o educando traz consigo para as situações formais de aprendizagem. Tal postura implica, obrigatoriamente, o rompimento com relações fundadas numa educação na qual o acerto está ligado à exata correspondência da resposta prevista pelo educador.

Dessa forma, é fundamental que, no processo de construção dos conceitos pela criança, os erros sejam considerados como degraus para futuros acertos. Estes erros, na verdade, estão indicando o que a criança está pensando, e é a isso que o professor deve se ater: ao pensar do aluno, afim de compreendê-lo e, assim, poder desafiá-lo a encontrar outras respostas.

É função do professor fazer as intervenções necessárias, a partir da zona de desenvolvimento proximal do aluno, no sentido de promover sua “passagem” da condição atual para uma condição desejada. Para se tornar um verdadeiro mediador entre o aluno e o objeto do conhecimento, o professor precisa ressignificar a avaliação de modo a torná-la um processo de compreensão da aprendizagem do aluno e reelaboração de seu próprio plano de ensino. É essencial que se oportunize a expressão do aluno na busca de soluções intuitivas, raciocínios novos e recriação de hipóteses.

*Educador, escritor e palestrante. www.juliofurtado.com.br